



Museus

Tem sido recentemente readaptado um museu de Genova, a "Galeria do Palácio Bianco" arranjo cuidado pelo diretor da mesma, o prof. Pasquale Rotondi. Na revista "Genova", encontramos um referimento feito pelo próprio prof. Rotondi sobre este trabalho e o transcrevemos parcialmente, porque o trabalho que o Museu de Arte de São Paulo vem desenvolvendo desde quatro anos, segue as mesmas diretrizes e o mesmo ideal.

"Desejamos afirmar, antes de mais nada, que tudo quanto foi realizado nasceu, e deve ser portanto considerado, como um ato de fé nos valores da cultura: um próprio ato de cultura. E como tal, pensamos que esta readaptação há de ser apontada a todos aquêles — muito infelizmente — que da função dos museus artísticos e dos problemas a ela ligados, têm idéias pouco claras ou até não exatas. Achamos, portanto, oportunidade lembrar a essas pessoas que o intento dum museu de arte, além da conservação das obras, é o de valorizá-las, apresentá-las como testemunho de humanaidade, para a compreensão dos visitantes. É desta maneira — e sómente assim — que uma coleção artística pública consegue desempenhar sua tarefa cultural, se enxertando na atualidade do nosso mundo e participando da mesma. O intuito dum museu não é o de conservar tudo — como muitas vezes se supõe — colocando tudo ao mesmo nível, obras primas e trabalhos de interesse menor. Desta forma, a função de quem organiza um museu, reduzir-se-ia a uma mera classificação exterior do material disponível, sem distinção nenhuma entre os valores que se reconhecem nas obras de arte autênticas. Pelo contrário, são justamente essas obras e sómente essas — que podem ser consideradas aptas a desempenhar um papel essencialmente educativo. É portanto a elas que o organizador deve dirigir sua atenção, quer individualizando-as, quer valorizando-as com uma exposição que consiga focalizar sua supremacia. O organizador dum museu de arte, de fato, a fim de poder desempenhar a função cultural dêle exigida, não tem outro meio — é mister reconhecer — a não ser o de expor. Poderá ser ele um



Visite a exposição didática da cadeira no Museu de Arte

escritor sobre arte, e portanto, após estudadas as obras da coleção que lhe é entregue, poderá também publicar as conclusões de seus estudos, pondo em foco as cousas mais significativas e as mais secundárias. Mas até ele não souber expôr convenientemente essas obras, valorizando-as justamente na maneira de apresentá-las, pensamos não ter-se ele ainda submetido às suas tarefas. Mas o que quer dizer expôr? Em geral, julga-se que isto significa sómente saber criar para a obra de arte um ambiente adequado, e a maioria interpreta por ambiente algo bem diferente de quanto veremos. Ambientar confunde-se de fato quase sempre com decorar: o que, para a maioria significa aproximar a obra de arte a móveis ou outros objetos que sejam mais ou menos contemporâneos, numa tentativa evidente de reconstruir as condições decorativas da época. Não pensamos todavia que de tal maneira se venha confundir o universal e o eterno, com o particular e transitório. A obra de arte — quando realmente digna deste nome — é um mundo já concluído em si mesmo, tanto mais ativo em nosso espírito, quanto mais abando-

nada a sua função poética específica. No entanto este mundo — tão concluído numa sua universalidade que quer ser considerada e completamente gozada em si mesma — pode ter infinitos laços espirituais com outras manifestações artísticas de épocas mais remotas, ou contemporâneas ou posteriores. A obra de arte não nasce na solidão; mas brota de situações espirituais complexas, nas quais estão ativos referimentos, reações e influências. Se toda obra prima é universal e em si mesma concluída, é também certo que cada obra-prima pode ser ligada às demais por um comum clima espiritual. Daí a necessidade essencialmente cultural — para o organizador dum museu de arte — de saber individualizar estas referências nas obras a serem expostas, de maneira a dar às instalações da coleção uma articulação apta a sugerir no visitante as relações mais próprias para a melhor compreensão das obras exibidas. E' justamente a capacidade de dar vida a estas sugestões que em nossa opinião, deveria estar intimamente ligado o fato de expor. Pois, se fôr verdade que, saber expor obras de arte num museu, significa saber realizar para cada uma delas o ambiente mais adequado para a compreensão, e outro tanto verdade que neste caso por "ambiente" não podemos entender outra cousa a não ser o resultado destes vínculos espirituais que unem entre si as obras a serem expostas. Portanto, individualizar estes vínculos, torná-los ativos com a disposição das obras, significa realmente dar à organização dum museu uma função cultural e educativa das mais consideráveis. Julgamos ainda que sómente desta forma quem apresenta uma coleção artística, pode desempenhar sua função específica para com os visitantes da própria coleção. E' justamente pela própria maneira como uma obra de arte é colocada em relação às demais, pela maneira como uma parede de telas joga com outras da mesma sala, ou como uma sala está em relação às demais, que se consegue guiar o visitante através da coleção. E' um guia misterioso, invisível embora sempre presente que se apodera do visitante ao entrar ele no museu e acompanhá-lo até à saída, nunca deixando-o, dando-

lhe sempre indicações e explicações. ... O fio condutor do qual se serve quem expõe, para conseguir ser o guia invisível mesmo do visitante inexperto, está na maneira como as obras são isoladas ou agrupadas, colocadas ou não em evidência. Portanto, de sua própria disposição harmônica nascem as explicações mais aptas para a compreensão das obras e da civilização por elas documentada.

Torna-se, então, evidente que, tratando-se de fatos não exteriores à arte, mas sim intrínsecos, ligados aos mais altos valores humanos, premissa para esta disposição será a necessidade de afastar todas as obras que não são autênticos documentos artísticos: obras que poderão formar uma secção do museu franqueada sómente aos que a elas se interessarem por razões de estudo ou pesquisas. Por meio desta escolha realiza-se uma das mais notáveis funções da cultura, pois esta é a única maneira de tornar realmente ativo quanto de valor excepcional e considerável permanecerá exibido nas salas da Galeria.

Dêstes breves dados aparece clara e evidentemente que os problemas conexos com a readaptação dum museu de arte não são simples e que a necessidade de edifícios construídos para este fim, torna-se sempre mais precisa: deverão porém ser construídos segundo o plano da organização do material artístico, de maneira que cada trabalho tenha seu lugar em perfeita reciprocidade com os demais que serão exibidos juntamente, e tudo terá que ser determinado pela exigência figurativa de cada conjunto. Sómente desta forma, pois, obdecer-se-à às exigências da cultura".

Urgências

Foi um prazer — no meio de tantas tipografias de gosto banal e técnica provincial — fôr um prazer, dizíamos, receber dos "Produtos Roche" do Rio de Janeiro, um livro estampado de maneira perfeita e exemplar. Trata-se dum livro técnico, de medicina, redigido pelo dr. Renato Clark Bacelar da Universidade do Brasil. No meio de tantas urgências, não esqueçamos que é urgente também fazer progressos na tipografia.

Rodzinsky

O maestro Arthur Rodzinsky, em seu último concerto, ofereceu ao público um inédito raro: interrompeu a execução, para recomeçar outra vez. Houve um momento de deceção, pois não se entendia a quem coubesse a culpa:

- a) Falta da orquestra
- b) Barulho atrás do pano
- c) Ataque de tosse bronquial entre o público

Talvez interrompeu Rodzinsky pelas três razões.

Lírica

Dar uma olhada aos programas da temporada lírica do Municipal para compreender que parece estarmos vivendo no ano de 1912, no que diz respeito aos programas musicais.

Villa Benivieni

Está se trabalhando para abrir aos jovens brasileiros a Villa Benivieni de Florença, que o Museu de Arte adquiriu afim de estabelecer naquela cidade um instituto de arte e de história de arte. Ainda este ano serão organizados os concursos para as bolsas de estudo, sendo que os alunos dos cursos do Museu serão preferidos. Os concursos serão destinados aos jovens brasileiros que tencionam aperfeiçoar seus estudos.

Cacilda

Vários artistas de teatro queixaram-se por termos publicado a fotografia de Cacilda Becker (Habitat 2) com a seguinte legenda: "Cacilda Becker, com toda justiça considerada a maior atriz brasileira."

E' nossa opinião; mas também é opinião dos dez entendidos no assunto.

Niemeyer

"A arquitetura brasileira gosa hoje de fama mundial. Uma equipe de profissionais patrios de alta competência, seguindo as diretrizes da construção moderna, deram às formas plástico-arquitetônicas, a grande beleza que decorre de um sentimento artístico, liberto do formulário ornamental acadêmico e disposto a fazer valer toda a expressão inventiva em conjugação com o racionalismo construtivo. Nas



Eis como a senhora elegante queria seu telefone, para combinar com a casa.



Rodzinsky visita o "Museu de Arte"; da esquerda: arq. Korngold, Dona Ivone Levi, diretora dos cursos de música para crianças do Museu, Rodzinsky, arq. Lina Bo, Sra. Rodzinsky e P. M. Bardi



Quando de sua recente viagem à Inglaterra, o dr. Assis Chateaubriand teve ocasião de palestrar com os artistas mais conhecidos de Londres que se dedicam ao desenho industrial. Vemos nesta fotografia o dr. Chateaubriand, patrocinador do Museu de Arte, rodeado por esses artistas ingleses, com os quais teve a oportunidade de trocar idéias sobre vários assuntos de interesse comum. Na fotografia vêm-se da esquerda para a direita: sra. Madge Garland, (desenho de moda); prof. R. D. Russel, R. D. I., (madeira, metal e plástico); prof. R. W. Baker, A. R. C. A., (cerâmica); prof. Rodrigo Mongnihan, A. R. A., (pintura); prof. Frank Obson, A. R. A., (escultura); prof. Robert Godden, R. D. I., (prata e joias); sr. Robin Darwin, R. C. A., diretor; dr. Chateaubriand; prof. Richard Gayatt, (desenho gráfico)

grandes Universidades europeias e americanas, a lição tirada de nossa arquitetura moderna corre as suas escolas especializadas. Este grupo de jovens arquitetos, venceu todos os carrancismos que sempre ofuscaram o brilho da construção no Brasil pela transplantação dos caducos estilos europeus."

"O próprio ensino da arquitetura, graças a esse movimento

modernista, atirou finalmente à cesta das coisas inúteis e prejudiciais, o horroroso método "Vignola", que de longa data imolava a possibilidade melhor dos nossos estudantes. Do estrangeiro chegam hoje pedidos que atestam a maestria do arquiteto patrio, e se nomes quisessemos citar, teríamos que lembrar bem uma dezena de profissionais, para nos cingirmos aos que mais se destacam

na estética arquitetural contemporânea. As mais importantes publicações especializadas de todo o mundo, enchem suas melhores páginas com material colhido nos escritórios dos nossos patrios, e a influência de suas magníficas criações marcam indelevelmente muito do que se faz presentemente em arquitetura nos pontos mais distantes do mundo. Com certa vaidade lemos há dias em "Domus", uma das mais importantes revistas europeias de arte, uma referência às notórias "influências das formas livres à maneira brasileira". Isto que dizemos, faz-nos pensar no que se passa presentemente com a recusa intempestiva de Oscar Niemeyer pelo diretor da Faculdade de Arquitetura de São Paulo. Se quisessemos dizer um nome para simbolizar a grandeza da arquitetura brasileira, nenhum melhor que o de Oscar Niemeyer. Fundada aquela unidade da Universidade de S. Paulo, o nosso grande arquiteto obteve por concurso a cadeira de composição de Arquitetura. Exultaram de orgulho as autoridades do ensino superior no Estado bandeirante e rejuveneceram-se os jovens estudantes por lhes haver sido dado um grande mestre.

"O fato dos últimos dias, passado na Faculdade de Arquitetura de São Paulo, que tão inesperadamente sacrifica os direitos do ilustre arquiteto, terá o desfecho que por justiça se impõe, isto é, a integração de Oscar Niemeyer no posto que tão legitimamente conquistou e ao qual patrioticamente saberá honrar, oferecendo os benefícios de sua alta competência."

Eis as palavras de Quirino Campofiorito no "O Jornal" do Rio, as quais nós aplaudimos.

Medalhas

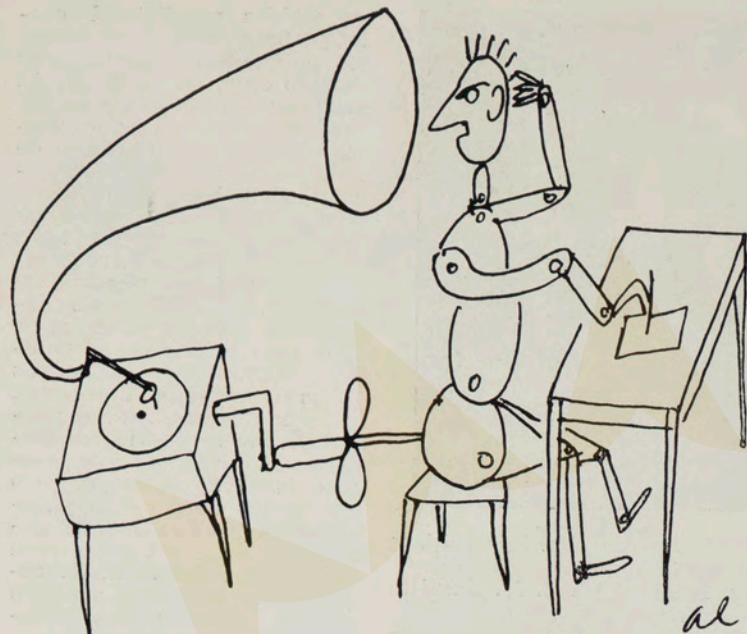
Alencastro sugere instituir medalhas, para serem conferidas aos artistas que se distinguiram no campo das artes. As medalhas serão de ouro, de prata e de latão.

Medalha de ouro: Ao arq. Heilio Duarte pelo seguinte motivo: "Está orientando o serviço de arquitetura do Convênio Escolar da Prefeitura, com inteligência e com um senso de contemporaneidade, na maneira de um daquêles "silenciosos" nos quais fala Carlyle, não permitindo que as fanfarras toquem glória (o que em geral acontece falando num pintor que põe umas duas pinceladas na tela).

Medalha de prata: Ao casal Fiocca pelo seguinte motivo: "Resistem há já quatro anos à indiferença do público dos assim chamados apaixonados de arte de São Paulo, fénix esta, criada pela fantasia do tenaz casal italiano".

Medalha de latão: Aos artistas que num só ano conseguem realizar 3 exposições individuais, recebendo páginas e mais páginas de crítica dos jornais.

Outra medalha de latão: Aos críticos que de exposição como acima conseguem escrever quilômetros de artigos (elogiando).



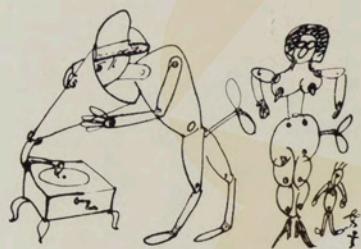
Nú da secção acadêmica e da secção moderna num salão



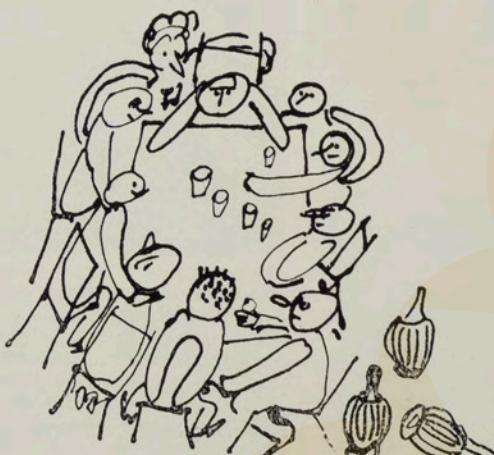
O crítico de corda conseguiu afinal sincronizar o mecanismo com a manivela do novo fonógrafo "A Voz de seu Dono"



— Eu vou mandar esta tela à Bienal e quero comprar um bilhete da Preferida: alguma cousa deve dar



O crítico de corda está ouvindo com atenção máxima a "Voz de seu Dono"



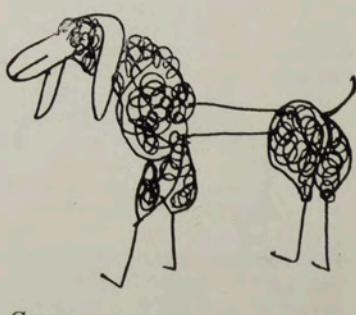
— Falamos em arte!



Desespero pela torcida mal sucedida



Se continuarmos neste passo,
no lugar da cabeça teremos a
bola



Cave canem

Turismo

Parece que o português de nossa revista não seja dos mais puros. No entanto é sabido que nossa revista não é uma revista literária, e quanto à língua não é superada em pureza pela forma dos críticos que avançam esta censura. Às vezes nossos manuscritos passam por três ou quatro revisões literárias, e cada autor da revisão julga que quem escreveu não sabe escrever o português. Alguém entre os revisores, chama de analfabeto o autor do escrito, e este defende-se dizendo ser o outro analfabeto. E nós, não competentes em fato de purismo, largamos as reáreas de nosso cavalo...

N. B. Uma vez experimentamos mandar rever o texto por um professor catedrático de faculdade literária: e foi a pior das vezes.

Prêmios

Veiu agora a moda dos prêmios, e esta moda está se tornando uma verdadeira orgia. No entanto os prêmios, para serem úteis à arte devem, em primeiro lugar, ser disputados entre artistas verdadeiros e, em segundo lugar, devem ser distribuídos por comissões capazes de entender a importância da repercussão do próprio prêmio.

Clube

Os que participaram do concurso para o interior do Clube dos Artistas em São Paulo, não gostaram em geral de nossa iniciativa de assinalar como o melhor projeto, o do arq. Fongaro (*Habitat* 3) e uns deles chegaram até o ponto de pensar que deveríamos ter publicado todos os projetos, ou pelo menos os projetos que ganharam, com uma crítica relativa. Estes, não compreenderam ainda que *Habitat* não é um saco, no qual todos podem despejar o que bem entendem. *Habitat* dá suas opiniões sem prestar contas a ninguém, a não ser para o público de seus leitores.

Bases

Eis as palavras (Geraldo Ferreira, "Florescimento sem base", "O Jornal", 1 de julho) que se nos afiguram acertadas, consequência duma reflexão cuidadosa:

"Imaginemos agora que há uma escola de arte que se constrói no Pacaembú, a fundação deixada por Armando Penteado, e que ficou ao zélo dos que puderem compreender a importância desse patrimônio em disponibilidade, a enriquecer com trabalho. Há um campo imenso, e seria necessário que alguém mais interessasse pelo que será a escola de arte de São Paulo, a emergir dessas condições, quase automaticamente, porque assim o querem as contingências formadas nesta situação. Poderia o



Leopold Haar, vitrina para a Tecnogeral - Olivetti, São Paulo

Ministério da Educação estudar o caso paulista de arte? Poderiam os poucos mas melhores intencionados elementos de nossa vida intelectual e artística levantar essas iniciativas, coordenar esses fatos, estimular os jovens, participar nessa conjuntura muito séria, visível, mas ainda não de todo examinada em seu conjunto? Quantas missões artísticas devemos encaminhar para São Paulo? Como solucionar essas possibilidades que se levantaram no meio e estão sem apoio, como se se lançasse num espaço vazio?

"Porque, não tenhamos dúvidas, há que pensar na organização da base. As condições que se formaram não podem voltar ao nada sem uma série de consequências muito sérias, e é necessário aprofundar o que se acha construído em superfície, não alicerçado em elemento humano, nem em fatos técnicos ou na tradição inexistente, mas dispondo o presente a projetar-se no futuro. O que está aí se produzindo surpreende pela improvisação com que se formulou, pelo imediatismo e pela possibilidade oferecida. Mas o meio não está à altura de tudo isto e necessitamos estudar as soluções com que suportar os problemas levantados, que são de maior envergadura.

"Já há quem apele para os recursos governamentais, para o município e para o Estado, mas nada se faz, organizadamente. O que se está cuidando de arranjar é apenas dinheiro, para manter o que se levantou, e que não ficará de pé apenas com dinheiro: urge a organização da base social do meio, educacional, de consumo, suplementar em tudo o que um florescimento artístico desta

ordem reclama. Não se pode cruzar os braços diante da magnitude da tarefa e empreender com os elementos dispersos com que se apresenta São Paulo, para a formação de sua base produtora e consumidora de arte. Porque é isto que se desenha diante das iniciativas, presentes e atuantes — mas quase que operando no vácuo. Busquemos reconhecer isto com humildade, e trabalhar pela solução necessária."

Santa Rosa

A apresentação da primeira mostra individual de Tomás Santa Rosa, que se realiza no Museu de Arte de Resende, diz "não ter ele necessidade de ser apresentado." Basta dizermos para gáudio de nosso modesto Museu de Arte que estas 10 telas representam a primeira mostra individual de Santa Rosa, após sua adesão ao abstracionismo, o qual "procura resolver o problema da representação plástica no espaço bi-dimensional, servindo-se de formas geométricas ou simplesmente de invenção, coordenadas dentro do ritmo que o espaço suscita. A essa bi-dimensionalidade, acrescentam os abstratos atuais o conceito da quarta dimensão (tempo), através da qual as formas, mesmo estáticas, sugerem um movimento centrífugo que as impele além dos limites da tela. Além dessas qualidades despolidas de quaisquer relações com os objetos naturais, o problema da cor é mantido no sentido de sua maior vibração". ("Tribunal das Letras", 28-4-51). Sobre a celeuma levantada pela oposição do abstracionismo ao figurativismo, eis a opinião do próprio Santa Rosa: "A obra de boa qualidade transcende este aspecto polêmico, de uma ou de outra parte; o essencial é que seja uma autêntica realização de plástica. A discussão ganha calor e toma esse sentido de luta devido à ignorante atitude de muitos, obstruindo a priori qualquer possibilidade de raciocínio. Não compreendem que tóda idéia tem que ser desenvolvida até às suas últimas consequências, e que só a experimentação vale como verdadeiro indicador dos resultados." ("Revista Branca", n. 15).



Autori, Pintura primitiva



Flexor, Pintura abstrata

Igrejas

Falando à imprensa de Belo Horizonte, D. Clemente Maria Silva Nigra, perito em belas artes do S. P. H. A. N., e arquivista mór da Ordem de S. Bento, declarou: "Infelizmente nada existe de assentado sobre a moderna arquitetura de igrejas. A primeira tentativa, em todo o mundo, nesse sentido, foi a de Oscar Niemeyer, com a construção da igreja da Pampulha. Em vários países europeus constroem-se igrejas com cimento armado, usando-se porém formas tradicionais. Seria realmente bom que alguém fixasse um estilo de arquitetura religiosa, tendo em vista o espírito, a técnica e o material modernos. O que existe por tóda a parte são imitações de estilos antigos e algumas boas realizações do neoclássico, que vigorou no século passado".

Talvez as primeiras igrejas em estilo "moderno" anticipam de décenios as de Niemeyer. Banting, por exemplo, foi um dos primeiros a introduzir o estilo na arquitetura religiosa. No entanto, Niemeyer foi o mais ousado dos novos arquitetos, e deixando ao lado alguns pequenos erros que não pertencem à arquitetura, a massa da Igreja da Pampulha é harmoniosa e muito interessante. O campanário porém é causa triste, aliás tristíssima, como também a "marquise". Mas não há dúvida alguma de que a Igreja da Pampulha seja a única igreja digna da arquitetura brasileira.

Programas

Os concertistas e regentes que chegam da Europa e da América do Norte, continuam apresentando-nos programas, dos quais constam sómente obras muito conhecidas, pois acham os ambientes do Rio e de São Paulo não estarem ainda maduros para músicas novas. Rangel Bandeira, no "Diário de São Paulo", dirigia-se justamente ao Maestro Sanzogno com as seguintes palavras: "Para um especialista de música contemporânea, como é o maestro Sanzogno, tomo a liberdade de aconselhá-lo a consultar a obra (que seja, apenas, a obra sinfônica) de um Villa-Lobos (as Bacchianas, os Chôros, os poemas sinfônicos, como "Papagaio do Moleque", "Madona", etc.), de um Camargo Guarnieri (a 2.a Sinfonia, a suite "Brasiliana", a "Dança Brasileira", a "Abertura Concertante", etc.), de Lorenzo Fernandez (o Batuque, a 2.a Sinfonia, o poema sinfônico "Imbapara", etc.), de Francisco Mignone ("Congada", o poema sinfônico "Festa das Igrejas", etc.), de Radamés Gnatalli (a "Fantasia Brasileira"), de Claudio Santoro ("Música para Cordas, 1945"), de Guerra Peixe, de Dinorah de Carvalho, de Heckel Tavares, de Luís Cosme, de Brasílio Itibirê, de Eunice Catunda e de tantos outros. Tenho certeza de que o maestro Nino Sanzogno não perderá o seu precioso tempo." Tudo isto está muito certo; mas

gostaríamos de saber o que está sendo feito para iluminar os eminentes músicos acima, fora do Brasil? Com os cinco milhões conferidos pelo Estado ao "Palmeiras" para os bem acertados chutes a uma bola, ter-se-ia resolvido o problema que estamos agora avançando. Invocamos que a música seja salvada, pois o futebol se salva, infelizmente, por si mesmo.

Ouivesaria

O Brasil possui uma notável tradição no campo da ourivesaria, tradição absolutamente autônoma e rica de belas invenções. No entanto, como vem sendo hoje em dia continuada esta tradição? Podemos logo dizer: da maneira a mais banal, isto é, copiando mal, sem entusiasmo nenhum, as formas antigas, ou pior ainda, experimentando falsificar as cousas antigas. O balangandan, que originariamente é uma soberba peça de ourivesaria, uma vez imitado ou na maioria dos casos falsificado, torna-se antipático. A indústria do falso antigo é quanto sobra de uma situação gloriosa. Isto tudo acabaria se os ourives, inspirando-se ao antigo, entendessem que o antigo há de ser germe de vida, estímulo para novas criações, para novidades originais a serem colocadas ao lado das antigas. Muito esperavam os de Escola de ourivesaria do "Senai"; no entanto, aí, onde o ofício é aprendido com toda perfeição e diligência, o gosto está atrasado de, pelo menos, trinta anos: é o gosto do "Salon des arts decoratives de 1926", gosto duvidoso e superado.

Panem

Há umas noites, no mês de agosto, tivemos dois espetáculos em São Paulo: um no Teatro Municipal, "Il matrimonio segreto" de Cimarosa, e outro, um jogo de futebol, um daquêles encontros sem interesse nem brilho que deixam bocejar o verdadeiro entendendo. Um musicólogo, dirigindo-se ao primeiro espetáculo, mal conseguiu salvar-se, àquela noite, da maré de automóveis, de caminhões, de motocicletas que de todas as partes da cidade confluíam ao estádio do "panem et circenses", cume da pirâmide construída por coitados para coitados.

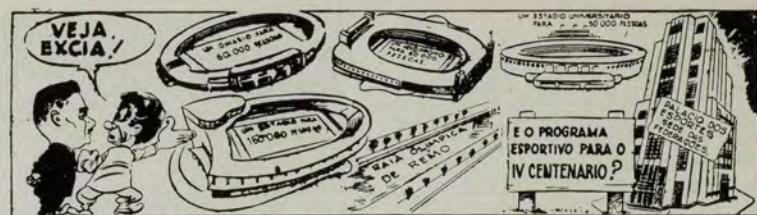
Antes

Há estudantes de arquitetura que no segundo ano abrem um escritório, fazem projetos e construções: quer dizer, seis anos antes.

Atenção

E' necessário muito cuidado em julgar concursos de cartazes. O juri é de boa fé; quando porém, os concorrentes não o são e não o fossem outra cousa a não ser a reelaboração de modelos tirados e copiados de revistas e livros de publicidade?

Isto aconteceu com o cartaz premiado no Concurso do Pê-



Aqui está, senhor governador Garcez, um programa mínimo de realizações concretas que o esporte paulista precisará por ocasião dos festejos comemorativos do IV Centenário de São Paulo! V. Excia. acha isso realizável? Faltam 880 dias!

Este desenho apareceu em plena página da "Gazeta Esportiva", jornal cotidiano dos esportistas. Que fartura de pedidos ao Governador: estádios, piscinas, palácios, velódromos, além daqueles, demais, que já existem. Por nossa vez pedimos uns institutos de arte e de cultura para acrescentá-los aos poucos que existem

segundo. Vide: "29 Annual Advertising and Editorial Art", editado por Art Directors Club of New York, n. 209.

Passeata

Se os quadros, os lustres, os adoros, os tapetes da maioria dos salões burgueses, se animassem de repente e organizassem uma passeata de protesto, veríamos pelas ruas um desfile de tão mau gosto, que os transeuntes morreriam pelo susto.

Boites

Parece que as boites pensam agora em dar mão à cultura, afim de contribuir a sua difusão e elevar o espírito dos clientes em altas esferas de poesia e de arte. E para realizar isto, dedicar-se-ão à cultura das batatas.

Bom senso e aposentadoria

Lemos no jornal "O Tempo" de São Paulo uma entrevista com uma, ao que parece, notável artista, Joana d'Arc, a qual declarou-se completamente desenganada sobre o futuro do teatro no Brasil, e afirmou: — Estou trabalhando em tea-

tro pela última vez. Amigos meus no Rio de Janeiro, estão apenas aguardando o meu regresso para colocar-me numa repartição pública. Prefiro ser funcionária, com um futuro assegurado, do que continuar numa profissão que, agora mais do que nunca, só traz apreensões e dúvidas atrasadas. Leiam bem estas palavras as muitas funcionárias públicas que querem renunciar a um empréstimo certo e à aposentadoria, para se aventurar nas cenas.

Escolas

Precisamos de escolas de belas artes, num sentido novo, adequadas aos tempos e aptas a cultivar as capacidades artísticas do nosso povo genial. Mas para este fim, teríamos de apresentar os inúmeros professores-funcionários públicos que já tiveram seu tempo e que não souberam adaptar-se à época. Não seria contraindicado nomear uma comissão para examinar os resultados das escolas B. A. à antiga, bem como as escolas autônomas, para assim dizer, de fiscalização superior. Isto seria interessante para estimular a renovação das artes no Brasil e para dar rumo novo, mais alegre e mais vigoroso a tanta antiguidade anacrônica com os nossos tempos.



Giselda Klinger,
Desenho (Curso
de gravura no
Museu de Arte
de São Paulo)

Campos Eliseos

Foi lançada a idéia de reunir num só centro as diversas instituições culturais da cidade. Nos mais recentes congressos de urbanística, sempre que se tratou dos problemas de zonificação de uma cidade, previu-se um bairro, não muito longe do centro, para nêle erigir as bibliotecas, os museus, os conservatórios, os teatros experimentais, e demais instituições culturais. A pessoa culta que vai a procura de uma informação, poderá satisfazer tanto melhor sua informação quanto maior fôr a unidade do centro que informa. Nêstes últimos anos assistimos ao magnífico trabalho das Universidades norte-americanas em colaboração com os museus, e pudemos averiguar a necessidade que representa para uma escola ter o material de estudo à mão. Foi por isso que muitas dessas Universidades instituiram seus museus próprios.

Dai consegue-se que instalar em São Paulo, num mesmo centro, as diversas instituições culturais, é medida devérás salutar é que dentro em breve tornar-se-á uma necessidade.

A zonificação é algo que se impõe na urbanística de uma cidade moderna: por exemplo, se a velha idéia do dr. João Fernando de Almeida Prado se concretizasse amanhã, teríamos nos Campos Eliseos o centro cultural de São Paulo. Mas como será possível neste caso transportar para lá o monumental Museu da fundação Penteado que está sendo construído no Pacaembú? E' curioso observar como o Pacaembú terá um dia a cem metros de distância um Museu com uma Escola de Belas Artes e o Estádio Municipal. E' de se esperar que pelo menos parte dos torcedores passarão a preferir as galerias de pintura aos torneios futebolísticos; seria além do mais um fracasso se os alunos da escola de belas artes cabissem as aulas para aumentar o número dos freqüentadores do estádio.

Comparações

"Há, em Paris, naquele bairro sugestivo do "Quartier Latin" uma "boite" pequenina — tão pequenina quanto a própria palavra — que uma cantora negra da orquestra de Louis Armstrong acabou de inaugurar. Chama-se "Chez Ignaz". Ali é que se reúnem, quase todas as noites, os mais famosos artistas da atualidade francesa. Jean Louis Barrault não perde ocasião de degustar seus calvados; Maurice Chevalier engurita, quase que sozinho, uma garrafa inteira de uma Veuve Clicquot; Jean Pierre Aumont exibe sua linda mulher, a famosa Maria Montez; dizem que Vivien Leigh e Lawrence Olivier, quando de permanência em Paris, nunca deixaram de lá assinar o ponto... Enfim é um refúgio acolhedor e amável que o bom gôsto escolheu e impôs. Em São Paulo, há um lugar assim. E' o Nick-Bar. Artistas que se reunem e se



Continuam no Museu de Arte, as aulas do Seminário do Cinema. Sem propaganda, sem barulho, esta nova escola brasileira vive já no seu segundo ano de vida e aparece mais do que nunca ativa e útil. No clichê vemos uma aula do sr. Tito Batini

dispersam. Nidia Licia, Sergio Cardoso, Mauricio Barroso, Marina Freire Franco, Anselmo Duarte, Paulo Autran, Cacilda Becker."

(Do jornal "O Tempo", de 17 de julho).

Parnaso

Julgando pelos adjetivos que tôda semana as colunas literárias dos importantes cotidianos destinam aos novos poetas, o nosso deve ser realmente um Parnaso, circundado de miríades de Parnasinhos e Sub-Parnasinhos.

N. B. Sugerir-se-ia de limitar o emprêgo do adjetivo grande.

Conservatórios

Pensam construir em São Paulo novos conservatórios de música, oficiais, é claro, com verbas belíssimas e alentadoras. Esta é uma idéia ótima, aliás idéias ótimas. Iremos a Santos, para receber os professores estrangeiros que serão contratados, pois aqui, salvo raras exceções, não se sabe onde recru-

tá-los (Porque se houvesse elementos, poderia funcionar o Conservatorio que já existe).

Cineastas

Se juntarmos os cineastas italianos chegados ao Brasil que falaram ter sido assistentes de Rossellini em "Roma, cidade aberta", conseguíramos encher um ônibus, daquêles grandes, às seis horas da tarde.

Próximo

Acontece quase sempre os artistas não estarem satisfeitos com o próximo. Acham sempre o próximo dever-lhes mais: que o próximo, afinal, tem a obrigação de mantê-los vivos. Ouçam um pintor e vereis essa se queixando de não vender quadros; um gravador, e dirá que as casas editóreas não encomendam ilustrações; um escultor, queixar-se-à dos comitentes que não existem; e os arquitetos, chorando pela falta de liberdade na execução da arquitetura como elas bem entendem; e assim por diante.

Quais são, portanto, as obrigações do próximo com os artistas? Na nossa opinião, o próximo não tem obrigações específicas com os artistas, especialmente com aquêles que assim pretendem ser considerados. Os artistas verdadeiros, os que nada requerem, que trabalham em silêncio, sabem perfeitamente que o próximo não os percebe.

Televisão

A televisão está progredindo muito satisfatoriamente no Rio e em São Paulo, os programas estão melhorando com a experiência. A televisão mais do que qualquer outra atividade. Se os organizadores nos concedessem na televisão uma só hora por noite, para apresentar ao público os nossos problemas de cultura, como estariam satisfeitos!

Bôa gente

Muitas vêzes, parados meia hora numa rua do centro, devido à circulação, por causa de planos urbanísticos bestas, pela falta de um regulamento de trânsito, pensamos naquêles bons funcionários que, em seus gabinetes, de cigarro na boca, cafêzinho na mesa e perante seus olhos um projeto a ser aprovado. Este projeto, suponhamos, refere-se a uma nova casa, uma nova rua, um novo bairro a ser loteado: enfim, à urbanística, que envolve a vida normal e material de todo o povo. Businam os motoristas, blasfemam os transeuntes, perdem a paciência os guardas; e nós lembramos daquêles bons funcionários que deixam de resolver os problemas acima mencionados. O nosso pensamento vai também aos legisladores que não se preocupam demasiadamente com as exigências da cidade moderna. E a eles associamos aquêle princípio dos urbanistas que com grande esforço chegou a considerar a possibilidade de termos avenidas de dezesseis metros de largura. Essa boa gente tôda tem os olhos vendados e não enxerga o futuro das nossas grandes cidades.

O que falta

Não faltam as iniciativas artísticas, novos clubes, cursos, instituições etc. O que falta é a continuidade, a constância nas iniciativas. Muitas vêzes ouve-se barulho para uma ou outra atividade, e já sabemos que após um mês, tornar-se-á rotina, para depois se esgotar e para enfim, nunca mais sei lembrada.

Caribê, Baia





Milton Dacosta, *Figura* (Exposição na Galeria Domus de São Paulo)

Cinema

Após as crises (aliás previstas) de duas companhias cinematográficas, os capitalistas parecem desconfiar daquela indústria tão recente no Brasil e tão complexa. Isto é um erro. O único receio de quem quiser reverter capitais no cinema, deveria referir-se aos dirigentes improvisados, sem passado nem um, e pior ainda, sem respeito pela competência.

Salões

Sugerimos para o ano vindouro, que em lugar de serem organizados Salões, sejam organizadas salinhas nas quais, em vez de apresentar quilômetros quadrados de pintura e quilômetros cúbicos de escultura, seja exibido aquêle pouco de valor produzido por poucos.

Congonhas

O aeroporto de Congonhas em São Paulo, quer dizer um dos maiores aeroportos das Américas, pelo tráfego, está surgiendo arquitetonicamente falando, da maneira pior, talvez até sem desenhos e plantas, pelo contrário, com inúmeras brincadeiras decorativas que realmente doem. No entanto, tivemos uma grande festa e os jornais publicarão tratar-se da mais bela obra arquitetônica e assim por diante. Será possível que no mesmo país hajam dois aeroportos, no Rio e em São Paulo, o primeiro belíssimo e o outro tão feio?

Tobacco Road

Publicamos em *Habitat 3* uma série de figurinhas de embalagem de cigarros, em uso há uns trinta anos: gôsto atrazado, provincial, embora não lhe faltam a poesia dum tempo no qual tudo era criado com dificuldade; por outro lado não existiam, então, escolas de desenho industrial. Escreve-nos um leitor que os desenhos das fábricas de cigarros não progrediram muito, dominando ainda em parte o provincialismo de então. Achamos isto um exagero, embora não estando ainda satisfeitos, sob o ponto de vista do desenho, com a embalagem em que se nos apresentam os cigarros.

Trianon

Uma cousa que merece ser louvada incondicionalmente é a demolição daquêles feios botos arquitetônicos do Trianon, na Avenida Paulista. Esperamos que as novas arquiteturas que os substituirão sejam dignas do lugar encantador, sem dúvida um dos mais sugestivos de São Paulo.

Dixit

Falou o sr. Yllen Kerr às "Folhas": "Não possuímos ainda no Brasil uma escola de gravação no sentido amplo. Temos alguns ensaios, cursos especializados de gravação em madeira ou metal, mas do que precisamos realmente é de uma escola que abranja todos os setores da gravação."

Ele não parece ainda saber que em São Paulo há tudo quanto está clamando e mais precisamente no Museu de Arte: Escola de gravação (metal, madeira, linóleo, pedra, e até "pouchoir").



Arthur Rubinstein, moço

Rubinstein

Existem felizmente ainda casas nas quais é possível reunir-se em companhia de pessoas que falam em música, em pintura, em poesia; isto é uma espécie de oasis no meio das outras muitas casas nas quais há reuniões para ouvir falar ainda em negócios ou acabar com o balanço na mão, esperando as horas matutinas para constatar quem tem sorte e quem não tem. Nisto estávamos pensando, uma noite de julho, na bela casa de Nene e Luis Medici, enquanto Arthur Rubinstein conversava e os convidados nos pareciam cidadãos dumha pequena república que, para honra à civilização não deve e não pode perecer. Rubinstein, do qual a "Pró Arte" nos ofereceu uns concertos belíssimos, é espirituoso, brilhante, capaz de criar alegria numa sala; estávamos pensando nisto, imaginando tôdas aquelas pessoas de cara fechada em volta dum tapete verde. E pensavamos ainda que as casas, nas quais as pessoas se reunem para tratar do tema arte, estão se tornando sempre mais raras. Talvez raciocinámos como costumava-se fazê-lo em 1913; então, viva aquela época.



Elizabeth Nobiling, desenho

Valor do silêncio

Tem-se lido nos jornais que o Instituto Nacional de Cinema deverá abrigar sete departamentos principais, assim especificados: Departamento de Planejamento e Pesquisas, Departamento de Controle e Fiscalização, Cinemateca Brasileira e Biblioteca, Fototeca Brasileira, Departamento de Censura, Escola Prática de Documentários e Distribuição de Documentários.

O primeiro documentário a ser produzido será o "Valor do silêncio", segundo o argumento de Albino Aníbal Machado.

Curso

A Universidade de São Paulo deveria ter afinal uma cadeira de história da arte; não existindo no Brasil professor algum em condições de preencher esta cadeira, o Conselho universitário deveria contratar um do exterior, realmente capaz de honrar a história da arte e a Universidade. Hoje em dia este ensino é indispensável, após o interesse levantado pelos vários cursos nesta matéria mantidos em diversos institutos e museus. Nêstes cursos foi realizado o que era possível: os professores improvisaram-se como puderam para suprir a falta de especialistas; os resultados foram satisfatórios, mas a Universidade tem agora o dever de organizar cursos regulares que não podem ser dados, a não ser por um famoso e verdadeiro professor. As tentativas de preencher a cadeira de história da arte com pistoleiros e recomendações devem ser consideradas tentativas ingênuas.



Sugestão

Um jornal, durante uma entrevista publicou as seguintes palavras: "O Instituto de Arte Contemporânea (desenho industrial e arte aplicada) é considerado como uma das realizações mais importantes. "Prepara os artistas dentro da orientação de validade para a estética contemporânea". São dois anos de estudos. Além dos cursos técnicos, há cursos de sociologia, história da arte, psicologia, etc. Aprendem o desenho de móveis, cartazes, máquinas, etc.

Quer dizer que é, em grande parte, um curso de decoração? perguntei.

— Se quiser, mas não gostamos da palavra, pois decoração implica o fato de decorar. Imagina-se logo a superposição de uma porção de coisas, o que não está de acordo com a orientação da arquitetura moderna, despojada. Arquitetura interior seria mais apropriado... mas haverá, por contraste, uma arquitetura exterior? O termo exato ainda está para ser encontrado!" Ao ler este trecho, o arq. Lucio Costa fez a seguinte sugestão: "Curso de equipamento arquitetônico e ambientação interior".

"Américas"

A revista "Américas" é uma revista que une num só bloco tôdas as repúblicas americanas e cada mês dedica, a cada uma delas, artigos e ilustrações que servem de intercâmbio cultural, aliás um dos mais inteligentes. A história, a ciência, as letras, a arte, a vida cotidiana das Américas, encontram nas páginas dessa revista a confirmação duma idéia que está acima de tôdas as idéias, a idéia americana, a idéia de liberdade, de respeito para o homem, de paz e de trabalho. Por esta razão apreciamos sobremaneira o referimento simpático a esta revista no N.º 35 de "Americas", a esta nossa revista que como espelho das artes no Brasil, quer ser antes de mais nada americana.

Muito bem

Na próxima temporada do Teatro Brasileiro de Comédias, teremos "Cirano" de Rostand, "A dama das Camélias" de Dumas, "L'annonce faite à Marie" de Claudel, e parece, também peças de Shaw, Ibsen, e Shakespeare.

B. A.

Caro arquiteto Gomes Cardim, quando é que terá cinco minutos de tempo para pensar sériamente na reforma radical da Escola de Belas Artes que preside e outros cinco para pô-la em dia? O Sr. é uma pessoa inteligente, de muita capacidade, um grande organizador: consagre pois êstes cinco minutos para erguer o destino da mais anti-contemporânea de tôdas as escolas de São Paulo. E acrescentará mais uma nova benemerência às muitas que a cidade lhe deve.



Clovis Graciano, Aguaforte, 1951 (Galeria Domus, São Paulo)

Alienados

Nós também nos interessamos do fenômeno da arte dos alienados; no entanto, francamente, estamos todos começando a exagerar, esquecendo que afinal de contas, os grandes gênios da arte não foram alienados; e os poucos alienados que foram gênios confirmam a regra de que a arte é produto de espíritos sadios.

Alfândega

O Brasil é um dos raros países em que há uma taxa de alfândega para as obras de arte que chegam, uma taxa por volta de 38%. Isto demonstraria ter o Brasil um "parti pris" contra a arte, o que não acontece na realidade. Quando é que um deputado apresentará uma lei contra esta incongruência?

Últimas notícias

Lemos nos jornais: "Sob o patrocínio do prof. Jaime Regalo Pereira e sob a orientação do prof. Gaetano de Genaro, pretende-se organizar em São Paulo a Sociedade Brasileira de Pastelistas com o objetivo de

estimular e propagar o conhecimento e a prática do pastelismo, ramo da pintura tão divulgado nos meios artísticos europeus".

Mensaje

Assinalamos que a revista "Mensaje", publicada em Montevideu, dedicou o número de março último exclusivamente aos pintores e escultores brasileiros. Trata-se de uma verdadeira mensagem cultural entre os países da América latina.

Precisa-se de...

Repetimos quanto já foi dito inúmeras vezes: precisa-se de artistas em número maior, e de artistas em todos os campos. Sómente desta maneira conseguiremos criar uma atmosfera de bom gosto e de bom senso de gosto, necessárias para adequar nossa vida ao espírito do tempo e para sair deste estado de indecisão e timidez.

Fogo de Palha

O que há com o abstracionismo, no qual não ouvimos mais falar? Com certeza foi um ca-

so de fogo de palha, paixões que duram do Natal até Santo Estevão.

Exemplo

Eis um pequeno trecho desta coluna (como muitos a queriam): "Fulano de Tal é um dos maiores pintores do mundo, sua arte pode ser comparada sómente à de Ticiano, El Greco, Goya, etc.".

Campos

No campo da arte acontece o mesmo como no campo de batatas: colhe-se o que foi semeado. Se nada foi semeado, nada haverá para colher. Portanto, semeamos bons exemplos e teremos boas recrutas que, com os anos, ganharão os galões de caporal. Também no campo da arte, os generais foram uma vez coroneis, e estes tenentes e assim para trás, até aos soldados.

Juquerí

Continuam as pesquisas do dr. Osório Cesar sobre a arte dos alienados, da qual, às vezes, nós também nos interessamos. Um artigo notável, do qual aconselhamos a leitura, é o publicado pelo escritor na bela revista "Paulistania" sobre um pintor "primitivo" e outro "abstracionista" do Hospital de Juquerí. Neste escrito há observações científicas de importância real, entre as quais uma referindo-se ao uso constante da serpente, cujo simbolismo é admiravelmente estudado.

Ofício

Há críticos insistindo muito, demais, sobre o ofício dos artistas. O ofício é uma bela causa; no entanto vale também para os críticos: o ofício dos críticos, o conhecimento do ofício por parte dos críticos.

Papel

Leopold Haar lançou a moda das figurinhas recortadas e modeladas sobre o papel branco para decoração das vitrinas; veiu agora a diarréia deste sistema vitrínico: a costumeira rotina dos copistas que — destituídos de qualquer idéia — apoderaram-se das idéias alheias como cousas dêles.

Bienal

Embora esta revista não tenha recebido comunicação alguma por parte dos organizadores da 1.a Bienal de arte internacional de São Paulo, "Habitat" dedicará uma ampla reportagem à manifestação, que é a primeira grande iniciativa neste campo a ser realizada no Brasil com um senso de interesse mundial.

O cartaz da Bienal, foi ganho pelo aluno Antonio Maluf dos cursos do Instituto de Arte Contemporânea do Museu de Arte.

Teatro Municipal

Há sempre alguém que pensa em derrubar o Teatro Municipal de São Paulo afim de cons-

truir sobre a mesma área um teatro moderno. Estes "algum" filhos de ninguém que, talvez devem ser considerados como bastardos, não têm amor ao passado, embora passado próximo não rico em arte; mas sempre história que deve ser respeitada. E no que diz respeito às áreas, há tantas na cidade para construir teatros.

Selo

Caro Franchini Neto, ao Sr. que cuida da propaganda do IVº Centenário de São Paulo, sugerimos que para esta manifestação seja emitido um selo comemorativo e que para este fim seja organizado um concurso internacional. O selo poderia ser distribuído desde agora, como propaganda para as comemorações da data próxima.

Brinquedos

Há um antigo filme de Frank Capra, "Do mundo nada se leva", no qual um dos membros daquela família esquisita, trabalhava num banco e gostava de inventar brinquedos; de vez em quando acabava um dêles e levava-o ao escritório para admirá-lo. Lembramo-nos dessa personagem toda vez que passamos em frente duma loja de brinquedos, pensando nos inventos dêstes indispensáveis instrumentos para a meninice. Quem é que cria os brinquedos de nossos filhos, aqui, em nossas inúmeras fábricas? Gostaríamos um dia receber-los, êstes fabricantes, conhecer-los e dirigir-lhes as seguintes palavras: — Por que estais continuando a cacetejar as crianças com os costumeiros brinquedos? Por que continuais a dar-lhes, até o enjôo, a velha espingarda, a antiga boneca, o carrinho de metal e assim por diante? porque não dais a nossas crianças algumas novidades, algumas idéias, surpresas, invenções? Não queríamos ser desenganados: mas os industriais de brinquedos não devem ser meros industriais inscritos na federação da categoria, mas sim também personagens de Frank Capra.

Sociedade



História da arte

Não são muito claras as idéias que existem a respeito da história da arte como matéria escolar. Na Europa, por exemplo, a inclusão desta disciplina nos programas do ensino secundário, é recente e não generalizada. Na universidade é assunto de cursos especializados e herméticos. A história da arte, enfim, não conquistou ainda o direito de completa cidadania escolar, como a conquistaram, por exemplo — para citarmos ramos paralelos — a história, a filosofia e a história da literatura.

Na opinião da maioria, este estudo é dificultado por uma complexidade de preconceitos e prevenções, como estes: história da arte é algo de supérfluo, um luxo do qual se pode prescindir, uma acadêmica perca tempo de especialistas. Em outras palavras: a história da arte poderá servir para os artistas, poderá ser um prazer para os que têm uma cultura refinada mas, praticamente, não tem o mínimo interesse para um médico, digamos, ou para um engenheiro eletromecânico.

Trata-se dum grosseiro êrro de valutação. A arte é um dos fatos imanentes e permanentes da vida. Não há vida sem arte. Das primeiras incisões dos homens das grutas nas paredes de seus abrigos, aos primeiros movimentos de dança; das primeiras onomatopéias roubadas pelo homem às vozes da natureza para compôr sua linguagem, aos primeiros modos musicais, a aventura humana é, principalmente, uma maravilhosa e inconsciente aventura artística, na qual a intuição e a imitação criaram e refinaram este maravilhoso atributo do "homo sapiens" que é a fantasia.

Ora, renunciar à arte — ou, alargando o sentido: à possibilidade de compreendê-la — significa renunciar à fantasia. Renunciar à fantasia significa renunciar, em última análise, à dignidade, à liberdade e ao "jogo" existência. Médico ou balconista, advogado ou ferreiro, em toda atividade o homem precisa da arte. Civilidade e gôsto são uma só coisa. A arte determina o hábito, marca as épocas históricas; imprime-se em todas as manifestações humanas, "aplica-se" a todos os setores, da vestimenta à mobília, à linguagem viva e à escrita, dentro da unidade compacta que chamamos de "estilo".

Trata-se de adquirir, com o estudo da história da arte, a consciência deste processo e o direito de participar aos seus desenvolvimentos e determinar suas direções.

Vejamos praticamente: um artesão que congega a "linha" e saiba imprimi-la às suas criações; o comerciante que saiba oferecer sua mercadoria mediante a atração estética duma vitrine impecável; o tipógrafo que saiba compôr com nítida harmonia suas páginas; todos eles serão favorecidos na competição da concorrência.

Depois destas considerações vejamos a importância escolar e

construtiva da história da arte. Estando a arte tão intimamente ligada à vida, a ponto de tornar-se uma de suas formas, como poderíamos prescindir de um seu curso completo de estudos? Estudam-se história, filosofia, literatura comparadas e todas as outras ciências e disciplinas que servem para enquadrar o homem em suas épocas, em seus ambientes e em suas realizações. Ora, porque não reunir todas estas partes do superbo afresco sobre o fundo da arte?

Digamos mais: já que a arte permanece com seus movimentos, mais evidente e menos hipotética do que os documentos em geral, afirmemos, por exemplo, que a história da península ibérica, da Sicília, por assim dizer, das comunas italianas ou das cidades hanseáticas, estuda-se melhor — ou, pelo menos, comprehende-se melhor, integrando os estudos dos documentos escritos com os dos documentos edificados, esculpidos, pintados.

Concluamos: o estudo da história da arte não é um luxo nem uma perca de tempo. Tampouco é um peso para os estudantes já oprimidos por programas densos. Ao contrário: é uma ajuda. É uma disciplina agradável, por natureza, pois está baseada na representação e no "espetáculo" do belo; integra e completa o estudo das outras histórias, política, filosófica e literária e torna este estudo fácil e mnemônico com as referências às obras e monumentos característicos. Poder-se-á compreender, por exemplo, e será mais fácil de ser lembrada a gigantesca corrida dos muçulmanos da Méca a Córdoba, se conhecermos e tivermos a agradável lembrança dos monumentos mouriscos que assinalaram — e ainda assinalam — suas etapas.

Estes conceitos estão presentes no espírito da direção do "Museu de Arte" que, como várias vezes foi dito, não constitue apenas uma "coleção" ou uma "galeria", e sim deseja ser, antes de mais nada, uma "escola". Além das preciosas obras que posse, sua maior riqueza, em sentido potencial, é sua galeria didática, seu setor pedagógico que deve precisamente servir a tornar acessíveis e compreensíveis a um público sempre maior, os tesouros que se vão ordenando nas outras salas do Museu.

Teatro

E' necessário construir um teatro de prosa permanente; mas antes disto é necessário criar uma escola de arte dramática — observava há uns dias um espectador notando a maneira de gesticular de uma de nossas artistas. E acrescentava: Um diretor verdadeiro conseguiria tirar o cinquenta por cento de seus defeitos.

Ipiranga

Lemos nos jornais paulistanos: "A visita pública ao Museu Paulista foi, no mês de julho

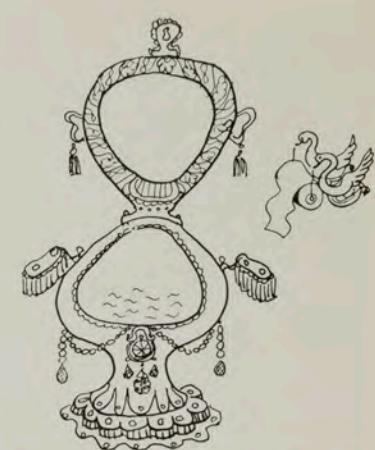
próximo findo, de 42.590 pessoas. Em julho do ano anterior fôra de 33.174. A afluência maior verificou-se aos domingos, especialmente a 15 e 22 de julho, quando o total de visitantes foi respectivamente de 7.590 e 7.636 pessoas. Durante os dias úteis a maior afluência registrou-se dia 12, quando procuraram o Museu 1.481 pessoas". Parece que vamos para a frente com os museus.

5.000.000,00

O "Palmeiras" ganhou o campeonato não sabemos do que, um campeonato mundial, e dai grandes festejos. O Estado conferiu ao "Palmeiras" cinco milhões de cruzeiros. Muito bem: os músculos dos atletas terão novo alento e a energia destes músculos produzida por tantos cruzeiros permitirá que novas vitórias favoreçam este "team" simpático. Ótimo, também para aquela massa de pobrezinhos que se empilham aos domingos nos estádios, afim de torcer para um ou outro dos concorrentes, ou para um ou outro dos jogadores que sabe melhor chutar. A "mensana" destas multidões juntamente com o "corpo sano" dos vários "Onze", será, sem dúvida alguma, um belo futuro e nós somos velhos demais para assistir a um futuro em que a honra das nações será entregue aos jogadores de futebol. Já temos o futebol nas ruas, nas páginas dos jornais, no ar, na televisão, por todo lado. E se continuarmos dêste passo, no lugar da cabeça, colocarão sobre o pescoco dos homens uma boala, e para os melhores uma coroa de 5.000.000,00 (os zeros são o zero do espírito que estamos destruindo).

Urbanismo

A situação urbanística em São Paulo já pode ser comparada àquele avestruz que para não ser visto esconde a cabeça na areia. Receia-se de enfrentar o problema em sua totalidade, continua-se com os recursos e



Tipo de W. C. para famílias ricas. Observar o papel, suspenso por dois cisnes

acha-se ainda que São Paulo do futuro, isto é, a maior cidade da América Latina, poderá funcionar com ruas de 12 ou de 16 metros de largura.

"Santiago"

Merce realmente a atenção o fato que o sr. Garcia Viñola, adido cultural da Embaixada de Espanha no Rio de Janeiro, está realizando um dos mais notáveis esforços editoriais, publicando com constante pontualidade a revista "Santiago", dedicada às relações culturais entre a Espanha e o Brasil. Esta revista, sempre rica de ensaios e ilustrações, é a bem-vinda na mesa dos que se interessam pela história e literatura espanhola.

Agência de publicidade

Demos o seguinte conselho a um mecenas que pensava em instituir um clube: estabelecer antes de mais nada uma agência de publicidade que repita até ao cansaço que ele é o primeiro entre os primeiros. Podrá então constatar como todos acreditam e seu clube será enaltecido e levado na palma da mão. E logo isto se verificar, boa sorte.

A pinacoteca-mirim dos alunos do curso de desenho para crianças do Museu de Arte figura na exposição organizada na Bahia durante o Congresso dos Escritores infanto-juvenis



Difícil responder

Numa sessão da Câmara Municipal, o vereador Admir Ramos encaminhou o seguinte requerimento:

"Sr. presidente — Requeiro, ouvido o plenário, sejam solicitadas do sr. prefeito as seguintes informações: a) quantos maestros tem o Departamento de Cultura da Secretaria de Educação? b) quanto ganha cada um? c) quantos concertos deram esses maestros, como maestros, e não como solistas? d) é exato que o regente Rodzinsky foi obrigado a retirar, do programa que desejava executar, uma peça de Katchaturian, por julgar inhabilitada a orquestra do Departamento de Cultura para executá-la?"

Bill-Miss

Se à inauguração da mostra de Max Bill tivessemos tido o público que presenciou a apresentação de Miss Televisão, poder-se-ia dizer que há gente com interesse para a arte.



Entre as figurinhas publicadas no número antecedente, esquecemos de incluir esta ilustração para charutos, em que aparece a arquitetura daqueles tempos longínquos. Temos o prazer de publicá-la agora, pois constitue uma documentação

Desenho industrial

Fabricantes de cerâmica, de móveis, de vidros artísticos, de adornos em geral; fabricantes de tecidos, fabricantes dos mil objetos de gosto atrazado e de desenhos furtados cá e lá! ouçam: demos a São Paulo a primazia no campo do desenho industrial, e criamos as formas com a farinha de nosso saco.

Moda

Não poderiam tentar algo no campo da moda (alta moda) nacional? Ir a Paris e vestir-se à moda de lá é um grande prazer para todas as mulheres do mundo; não falamos para as brasileiras. No entanto pensamos que o Brasil tem, no ponto de vista da moda, necessidades particulares, e uma potencialidade nacional não indiferente. Trata-se então de es-

tudar o caso, de estudar os fatores favoráveis, de recrutar elementos expertos. Uma indústria textil tão forte como a brasileira, bem poderia pensar nesta iniciativa.

Prefácio

Iniciaram-se no Museu de Arte os cursos de cinema — aletrando novo interesse entre os jovens para a sétima arte. Esta participação constante aos cursos — imitadores por outras instituições (com a vantagem, no entanto, de ampliar de algum modo a atmosfera) — é uma demonstração de que o Brasil aspira ter sua cinematografia e que se prepara para fazê-la surgir. Portanto, todas as tentativas até agora empreendidas devem ser consideradas como prefácio da cinematografia brasileira que, em breve, será realizada pelos jovens dos cursos do Museu.

Correspondência

G. G. — A boa vontade não é suficiente, pois neste caso todos os que a tivessem seriam artistas. A arte, acredite, é outra cousa: antes de mais nada é uma vocação, uma disciplina, um sentido do mundo e da poesia adquiridos com paciência e esperança. Leonardo dizia que a arte é paciência. Não acredite, portanto, que estes jovens de boa vontade que tanto já produziram, e o que é pior, exibiram ao público, sejam eles artistas. A arte é uma cousa séria, especialmente nesta época de confusão e de revezamento dos valores. Nem acredite tampouco que artistas são sómente aquéllos dos quais se fala nos jornais. Por outro lado, entender quem é artista não é cousa fácil e é necessário possuir qualidades muito chegadas às dos artistas. Seria uma conversa demorada e difícil demais para o sr. que parece tão impaciente de resolver num fechar de olhos problemas de difícil impostação.

H. e S. — O artezanato está desaparecendo; temos de concordar, não pense, no entanto, que seja uma cousa inútil. Quando estará desaparecido, a humanidade terá, sim, progredido, mas terá também deteriorado o perfume do seu bom senso, o espírito de criação e de inventividade, o prazer da cousa criada com suas mãos, e tôda uma arte inesquecível. O mecanismo de que está exaltando o surgir, é uma bela conquista, aliás uma conquista maravilhosa; mas o homem não deve esquecer que sua descoberta mais verdadeira foi o uso das mãos, para construir um vaso de barro, uma picareta de bronze e a Venus de Milo.

Duas instituições

Eis duas instituições em que São Paulo deveria pensar: uma Orquestra Sinfônica e um Corpo de Ballet. Ambas dignas da cidade. Dizem que custam muito; mas o futebol e o jockey custam muito mais.



Há um século os visitantes das exposições protestavam contra a arte, naquele tempo, moderna. Os mesmos personagens protestam agora contra a arte de nossos dias. Schiller dizia de não se combater contra os estúpidos

Colecionadores

Foi feita uma observação muito acertada numa coluna d'*"O Estado de São Paulo"* sobre os museus que, cedendo suas salas aos artistas para exposições individuais, acabam fazendo concorrências às galerias de arte que, do ponto de vista comercial, têm a mesma tarefa. O cronista acertadamente observava que nos museus não se vende, ou pelo menos pouco, enquanto numa galeria particular é possível vender mais, concorrendo para o interesse dos artistas.

Isto é muito certo. No entanto, nós pensamos não ser possível criar um interesse geral para a arte, sem instaurar e facilitar de todas as formas um mercado de arte. Pensamos que os museus não deveriam organizar exposições individuais e tampouco coletivas, devendo-se limitar a exposições retrospectivas e às muito importantes. Temos que observar dois fatos: 1. muitas vezes as galerias particulares não têm a disponibilidade de tempo neces-

sário para uma mostra; 2. muitas vezes os artistas não têm o dinheiro para pagar a sala. A razão verdadeira pela qual os artistas vendem pouco reside em outro fato; não existem os colecionadores nos quais fala o autor do artigo. Se houvesse colecionadores tudo seria resolvido; os museus, talvez tomaram a si a tarefa de organizar as mostras, com o intuito de incentivar a formação de ditos colecionadores, ajudando os artistas ao mesmo tempo. E, às vezes, um museu — o Museu de Arte, por exemplo — conseguiu vender para um único artista, num valor de cem mil cruzeiros, importância absolutamente não desprezível.

Orquestra

A orquestra apresentada pelo "Angelicum" é testemunha de que, quando há vontade, é possível organizar uma orquestra que toque. Informamos do acima os interessados em várias cidades.

Anita Vance, Gravura (Cursos de gravura no Museu de Arte)



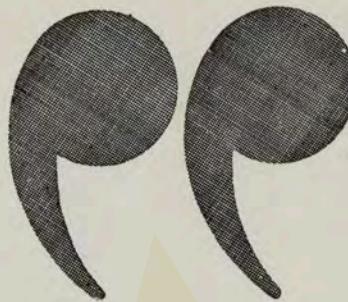
Arte, dinheiro e história

Em palestra com o prof. Leonídio Ribeiro, tivemos ocasião de ouvir que já está escrito e organizado o primeiro volume do monumental trabalho que as companhias do grupo Sul América resolveram patrocinar, recapitulando quatro séculos da vida artística do Brasil. Já a imprensa noticiou largamente o assunto, quando foi lançada a idéia. Num gesto muito nobre de interesse pela divulgação cultural em nosso meio, aquelas companhias haviam confiado a Rodrigo M. F. de Andrade a planificação e a organização de uma obra de grandes proporções sobre "As Artes Plásticas no Brasil".

Rodrigo M. F. de Andrade traçou o plano gigantesco, que foi integralmente aprovado, escolheu os colaboradores, distribuiu as tarefas. Só em direitos autorais seriam pagos cerca de Cr\$ 250.000,00, verdadeiro recorde em nosso meio. Assim estimulados, distribuídos os vinte e poucos capítulos da obra a número correspondente de especialistas, iniciaram êstes o trabalho. Já quase toda a obra está escrita, o primeiro volume está completo e será dentro de poucos dias entregue aos prelos.

Maravilha de arte gráfica, impecável sob esse aspecto, abrangendo centenas de ilustrações, muitas a cores, essa obra será, principalmente, a maior contribuição já realizada para uma visão panorâmica da vida artística brasileira. Mais do que isso: alguns dos capítulos de "As Artes Plásticas no Brasil" são verdadeiras monografias da mais alta significação que, só por si, já bastariam para despertar o mais vivo interesse em nossos meios culturais.

Pela soma de pesquisas realizadas, pela originalidade de algumas contribuições, por muito material inteiramente inédito que vai ser apresentado, particularmente neste primeiro volume, a próxima publicação de "As Artes Plásticas no Brasil" está destinada a um rumoroso sucesso nos círculos intelectuais. Serão estas as monografias reunidas no primeiro volume: ARQUEOLOGIA — Frederico Barata; ARTE INDÍGENA — Gastão Cruls; AS ARTES POPULARES — Cecília Meireles; OURIVESARIA — José Valladares; MOBILIÁRIO — José Wasth Rodrigues; LOUÇA E PORCELANA — Marques dos Santos. Rodrigo M. F. de Andrade escreverá o prefácio, expondo, numa visão de conjunto, o plano geral da obra. A este propósito lemos um artigo da nossa maior escritora, Rachel de Queiros, publicado no "Diário de Notícias" em junho último. Rachel de Queiros, entre outras coisas, diz: "Temos sido o Brasil uma terra onde, salvo poucas exceções, os homens ricos não criam tradição; ser rico, significa para eles acumular casas e automóveis. Em matéria de livros, raras vezes passam do "Tesouro da Juventude" e da "Biblioteca Universal Ilustrada", para não falar nas artes plásticas que são representadas em suas casas pela



"Ceia de Cristo" em prata boliviana e por "deusas gregas" ou "cavalos árabes" sobre as colunas das salas. Isso vem de longe: para os nossos barões, latifundiários, do tempo do Império, a riqueza era possuir terras. Móveis, quadros, livros, objetos de arte, viagens, qualquer manifestação de cultura — tudo vinha depois da ambição pela terra, que, nunca se fartando, jamais dava uma oportunidade à cultura.

Mas nota-se que, o que se pode chamar a nova geração de ricos, já vai tendo uma certa preocupação com coisas do espírito. Claro que não chegam ainda a financiar um hospital ou uma universidade como os milionários da América, mas não se pode negar que os nossos ricos melhoram. Refiro-me aos ricos mais inteligentes, não aos que pelo velho medo do inferno ou pelo mais moderno do comunismo, fundam creches e fazem caridade com muita publicidade; esses ricos inteligentes, pois, que criam uma moda nova e salutar: o interesse pela arte. Que, quando querem um quadro, encomendam-no a Portinari, ou sua casa a Niemeyer, que leem os livros de Graciliano e os poemas de Bandeira, que dão de presente um Rembrandt ao Museu de Arte, enchendo-o de autênticas preciosidades. Dir-se-á que estão apenas procurando compensar um pouco o dinheiro mal ganho. Os principais da Renascença fizeram perdoar todos os seus crimes, a sua ambição predadora e imensurável, acumulando tesouros de arte e protegendo artistas. E os nossos magnatas, na medida de suas fracas forças os vão imitando. Se há vinte anos, ao professor Leonídio Ribeiro, houvesse ocorrido a idéia da sua "Artes Plásticas no Brasil", ele só encontraria o vácuo em torno de si. Hoje, pelo contrário, o grupo da Sul América prontificou-se a financiar com largueira esta obra monumental, que só encontra paralelo na "História da Literatura Brasileira", empresa também magnífica, empreendida por José Olympio. "Artes Plásticas no Brasil" compreenderá inúmeros volumes, cada um entregue a um mestre, Gastão Cruls, Cecília Meireles, Wasth Rodrigues, Di Cavalcanti, para citar só alguns dos colaboradores desta obra de grande vulto. O que é necessário lembrar em seguida é de Ouro

OS PARABENS DO MUSEU DE ARTE PARA A NOMEAÇÃO DA SRA. YOLANDA PENTEADO MATARAZZO À PRESIDÊNCIA DO SALÃO DE ARTE DO RIO DE JANEIRO, COM OS VOTOS QUE ESTA SENHORA INTELIGENTE ACABE COM A SEÇÃO ACADÉMICA, OU QUE PELO MENOS FAÇA COMPREENDER AOS ACADÉMICOS QUE CHEGOU A HORA DE POR FIM ÀQUELES QUADRINHOS SEM SENTIDO, TEMPO E SIGNIFICADO NENHUM"



Preto, a cidade monumento, que deve ser a próxima etapa do caminho, do qual o Museu de Arte e "Artes Plásticas no Brasil" já são dois marcos excelentes, que pesarão seu bom peso se uma hora de ajustes de contas chegar..."

Zonti

"O Brasil terá um cinema que passará a interessar não só aos circuitos do país, mas às telas de todo o mundo, quando for essencialmente brasileiro. O cinema desse país só terá características essencialmente brasileiras, quando principiar a filmar as humanas e interessantíssimas histórias do povo do Brasil." Assim disse, justamente, o verdadeiro cineasta italiano, Aldo Zonti.

cum" de Milão que trouxe até óperas de Pergolesi, Bach, Mozart e Cimarosa), os assim chamados musicófilos não vão ao teatro. Acabamos suspeitando que toda aquela povoação de musicófilos que lota o Teatro Municipal quando toca, por exemplo, um solista famoso (interpretando Chopin), acabamos suspeitando, dizíamos, que a maioria daquelas pessoas vão ao teatro para dizer que aí estiveram, e para saber e falar, como foi a "soirée".

Adjetivos

Cada atividade humana necessita de publicidade de barulho de "venham, vejam aqui a mulher mais gorda do mundo". O maior culpado é Barnum.

O cinema, indústria baseada essencialmente sobre a propaganda, vive pela corrida dos agentes publicitários. Um deles inventa o adjetivo "grandíssimo", o outro logo inventa o adjetivo "super-grandíssimo", e de aumento em aumento chegamos a um vocabulário pelo qual os puristas enrubesceriam constatando o domínio barbáro do analfabetismo cinematográfico. Para o industrial do cinema o uso da palavra "colosso" é canja: "colosso" é um atributo usado hoje em dia para uma curta-metragem modesta, filmada no jardim, por um amador. O industrial busca novas palavras, por exemplo "dantesco", persuadido que Dante fora uma espécie de Cecil B. de Mille. Mas quando o industrial do cinema é novo, neofita, um iniciado da sétima arte, tudo torna-se mais grave e o ridículo não tem mais força para matar, acontece como com o inseticida ao qual os insetos já se acostumaram.

Não tem talvez o público o direito de ser respeitado? Parece não. O mau gosto está alastrando algo demais nesse campo, e por outro lado a corrida a iperbole e às bobagens acabarão criando uma "Liga para a defesa contra a publicidade na mão de incompetentes".

Fim do texto da HABITAT 4

Muito sucesso conseguiu o Sr. Tatin, ceramista francês, na Galeria Domus

Musicófilos

Nunca foi possível compreender o que queriam os musicófilos de São Paulo em fato de programas. Ouvimos-los sempre se queixando por serem os programas as costumeiras repetições de músicas conhecidas e ultra-conhecidas, e por desejar-rem elas conhecer músicas novas ou pelo menos inéditas. No entanto quando aqui chegam as músicas novíssimas ou clássicas nunca ouvidas (como por exemplo no caso do "Angeli-

Os clichês foram executados pela Funtim - Fundição de Tipos Modernos S. A. - Secção Clicheria, Rua Florencio de Abreu, 762, 2.º and., Fone: 34-8773; S. Paulo

